

VÍNCULOS COM A VIDA NA POESIA DE MACHADO DE ASSIS*

José Américo Miranda
Universidade Federal do Espírito Santo/CNPq/FAPES¹

Resumo: Machado de Assis, quando preparou para publicação as suas *Poesias completas*, em 1901, eliminou cerca de 60% das poesias de *Crisálidas*, seu primeiro livro de versos publicado. Este artigo examina, entre os poemas que Machado de Assis excluiu dessa obra, aqueles que apresentavam relações diretas com o contexto e a biografia do autor. Todos os poemas que traziam dedicatórias foram excluídos do livro; a dedicatória do volume à memória dos pais do poeta foi suprimida; e poemas que tinham fortes vínculos com o contexto, quando conservados no livro, tiveram apagados os sinais desses vínculos. Uma tentativa de explicação para a exclusão desses poemas e para o apagamento dos vínculos da obra com o contexto de sua produção é apresentada.

Palavras-chave: Poesia; Poesia brasileira; Machado de Assis.

I

Até pelo menos 1897 Machado de Assis não pensava em publicar mais um livro de versos, para somar aos três que já havia publicado. Falando de livros em geral, afirmou, em carta a Magalhães de Azeredo datada de maio, não acreditar que, ainda naquele ano, desse mais algum. Para o ano seguinte, tinha esperança – mas nada de versos (ASSIS, 1969, p. 112).² O volume *Páginas recolhidas*, que parece ser aquele a que se referia, só apareceria, no entanto, em 1899. Em 1898, 10 de janeiro, ele

* Este artigo foi originalmente publicado na *Revista da Academia Mineira de Letras* (ano 96º, v. LXXVI, p. 59-74, 2016), publicada pela Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, MG. Para publicação neste número da *Machadiana Eletrônica*, o artigo sofreu pequenas alterações, para ajustá-lo às normas da revista, e foi submetido a nova revisão.

¹ Pesquisador DCR (Desenvolvimento Científico Regional) do CNPq, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 2015 a 2018.

² Outras citações dessa obra trarão, no texto, apenas a inicial *C*, de *Correspondência*, seguida de vírgula e da indicação de página. A ortografia dos textos citados foi atualizada.

menciona, também, o fato de ter “um trabalho literário entre mãos” (ASSIS, 1969, p. 137) – imagine-se: era o *Dom Casmurro*!, que só seria impresso no final de 1899, e cujos volumes chegariam ao Rio de Janeiro em março de 1900 (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 4, p. 112). Enfim, em meio à concentração exigida pelo trabalho literário a que se aplicava, em carta de 10 de maio, ao mesmo amigo, afirmou ele: “Eu, pela minha parte, além de alguma coisa que tenho em mãos e não sei se acabarei, nem quando, quero ver se coligo certo número de escritos que andam esparsos. Não sei se valerá a pena fazer o mesmo aos versos; dado que sim, poderá sair um tomo pequeno” (ASSIS, 1969, p. 148). E em 9 de setembro: “Há quem me anime a coligir os versos que tenho esparsos e a fazer deles um volume. Não sei ainda que faça” (ASSIS, 1969, p. 155).

O escritor, por esse tempo, já se sentia sem forças, desanimado, abatido; queixava-se de doenças, dizia não saber se teria ainda tempo para fazer alguma coisa na vida (C, p. 122, p. 137, p. 147, p. 163). Chegou o glorioso ano de 1999, das *Páginas recolhidas* e da impressão de *Dom Casmurro*. Perguntado, em carta de 22 de julho – “Quando sai o seu livro de versos?” (C, p. 180) –, respondeu Machado de Assis em 7 de novembro: “Quanto aos meus [versos] estimarei coligi-los. Como o Veríssimo e outros me têm aconselhado a publicação integral de todas as coleções, verei se é possível fazê-lo, e então lá irão também os derradeiros; se não, cuidarei só destes” (C, p. 190).

Como se vê, tudo indica que Machado de Assis, até os últimos meses de 1899, não cogitava de reunir seus livros anteriores de poesias; pelo contrário, pensava na reunião de algumas poesias esparsas apenas, nunca postas em livro. É possível que não tivesse a intenção de ressucitar os “pecados” (a expressão é dele) da juventude; é provável que, inicialmente, os preferisse esquecidos no tempo – muito embora, em 1886, os 22 anos da publicação de *Crisálidas* tivessem sido comemorados com um banquete oferecido a ele, em 16 de outubro, no Hotel Globo, por iniciativa dos diretores e redatores da *Gazeta de Notícias*, com o apoio dos de *A Semana* e da *Vida Moderna*. O acontecimento recebeu ampla divulgação na imprensa; a festa representou o reconhecimento público de que Machado de Assis era o “primeiro” dos nossos escritores. Raimundo Magalhães Júnior entendeu que “o que seus colegas e admiradores então festejavam era menos o poeta lírico dos ‘Versos a Corina’ do que o Machado de

Assis da maturidade, autor recente das *Memórias póstumas de Brás Cubas*” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 3, p. 91).

Havia sido através da porta da poesia que Machado de Assis, ao publicar versos em periódicos, entrara pela literatura adentro. A poesia estava, pois, indissolivelmente atada à glória que ele alcançara. Não desconheceu esse aspecto, o da sua trajetória no tempo, o próprio poeta, quando, em julho de 1900, redigiu a “Advertência” que antepôs às suas *Poesias completas*:

Podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andavam esparsos; mas, a verdade anterior é que era minha intenção dá-los um dia. Ao cuidar disto agora, achei que seria melhor ligar o novo livro aos três publicados, Crisálidas, Falenas, Americanas. Chamo ao último Ocidentais.

Não direi de uns e de outros versos senão que os fiz com amor, e dos primeiros que os reli com saudades. Suprimo da primeira série algumas páginas; as restantes bastam para notar a diferença de idade e de composição. Suprimo também o prefácio de Caetano Filgueiras, que referiu as nossas reuniões diárias, quando já ele era advogado e casado, e nós outros apenas moços e adolescentes; menino chama-me ele. Todos se foram para a morte, ainda na flor da idade, e, exceto o nome de Casimiro de Abreu, nenhum se salvou. Não deixo esse prefácio, porque a afeição do meu defunto amigo a tal extremo lhe cegara o juízo que não viria a ponto reproduzir aquela saudação inicial. A recordação só teria valor para mim. Baste aos curiosos o encontro casual das datas, a daquele 22 de julho de 1864, e a deste.

Rio, 22 de julho de 1900 (ASSIS, 1976, p. 125. Grifos do autor).

Isto de suprimir “da primeira série algumas páginas” e de as restantes bastarem “para notar a diferença de idade e de composição” exige algum esclarecimento e, ao mesmo tempo, casa-se bem com o que ele dissera em outra carta a Magalhães Azeredo, datada de 9 de setembro de 1898: “Versos, quando são pecados da mocidade, não se podem tornar virtudes da velhice. Como tudo pode entrar na história de um espírito, não digo que não acabe juntando mais alguns pecados” (C, p. 155). Tinha dito isso como primeira justificativa para reunir num só volume os poemas dos primeiros livros; mais tarde, porém, tomou a decisão de suprimir, especialmente da “primeira série”, “algumas páginas”.

O esclarecimento necessário diz respeito ao sentido da expressão “primeira série”; o autor não disse primeiro livro, nem primeiro volume, nem primeira coleção, nem primeira obra – preferiu “primeira série”. Quando se examinam os dois primeiros

livros do poeta, *Crisálidas* e *Falenas*, em suas primeiras edições e nas *Poesias completas*, o que se nota é que os poemas excluídos do segundo pertencem todos à primeira de suas quatro partes, que trazia o título (perdido nas *Poesias completas*) de “Vária”. Isso nos conduz à conclusão de que a “primeira série” consiste no conjunto formado por *Crisálidas* e pela primeira parte de *Falenas*.

De fato, os poemas da primeira parte de *Falenas* apresentam mais afinidades com os do volume *Crisálidas* do que com o restante do livro – constituído pela “Lira chinesa”, por “Uma ode de Anacreonte” e por “Pálida Elvira”. Pelo menos dois críticos importantes, que avaliaram a poesia de Machado de Assis, se não apontaram esse fato, deixaram-no implícito em suas abordagens. O professor Wilton Cardoso dedicou os dois primeiros capítulos de seu livro *Tempo e memória em Machado de Assis* ao estudo das poesias de *Crisálidas* e de *Falenas* – um capítulo para cada livro; no capítulo dedicado ao segundo, não há uma palavra sobre as três últimas partes do livro – todos os poemas citados e mencionados pertencem à primeira parte, “Vária” (Cf. CARDOSO, 1958, p. 53-65). Lúcia Miguel Pereira vai ainda mais longe, pois, depois de abordar, em seu livro *Machado de Assis*, no capítulo que dedica aos dois primeiros livros de poesia do autor, os poemas da primeira parte de *Falenas*, afirma:

E então, já senhor da língua e do metro, refugia-se nas traduções dos chineses, na evocação dos gregos, na arte pela arte, na arte que é “de todas as coisas humanas a única que tem o seu fim em si mesma”.

Impõe silêncio ao coração, estanca a fonte da poesia – nele, eminentemente a introversão – vai, durante algum tempo dedicar-se à pura ficção (PEREIRA, 1988, p. 132).

O fato é que o poeta suprimiu de *Crisálidas* 16 dos 28 poemas que o livro trazia em sua primeira edição, além de um pequeno fragmento da terceira parte dos “Versos a Corina” – o que representa 57% dos títulos que compunham o volume. De *Falenas*, o poeta eliminou 9 dos 35 poemas – o que representa 26% do total. Se for considerada apenas a primeira parte do livro, “Vária”, a porcentagem vai a 36%. *Americanas*, por sua vez, perdeu apenas um poema, a “Cantiga do rosto branco”. É fácil, por isso, entender o esquecimento do poeta, que afirmou a seu amigo Carlos Magalhães de Azeredo, quando lhe enviou o livro já impresso das *Poesias completas*, em carta de 30

de junho de 1901: “Cortei muita cousa aos dous primeiros [livros], e não sei se ao terceiro [*Americanas*] também” (C, p. 224).

II

A este artigo interessa apenas o caso de *Crisálidas*, obra de que o poeta eliminou, também, o prefácio escrito por Caetano Filgueiras, e, em conexão com isso, o posfácio, que era uma resposta ao prefaciador. Machado de Assis justificou a exclusão, mencionando, na já citada “Advertência”, os excessos críticos cometidos por Filgueiras em nome da amizade que lhe tinha, e afirmando: “A recordação só teria valor para mim.” É de notar-se que um dos críticos do tempo em que o livro apareceu apresentou severa restrição ao prefácio, quando escreveu isto: “Esse juízo crítico [expresso no Prefácio], publicado pelo autor das *Crisálidas*, como parte integrante do livro, é o seu maior senão” (SILVA, 2003, p. 60). A crítica do prefaciador à obra foi considerada “excessivamente lisonjeira” por F. T. Leitão (2003, p. 56). É de notar-se, também, que as opiniões da crítica parecem ter determinado muitas das decisões do poeta, no processo de escolha dos poemas a serem eliminados do livro.

Machado de Assis foi, ele próprio, não só crítico literário, mas importante crítico de poesia. Em texto intitulado “O ideal do crítico”, que publicou no *Diário do Rio de Janeiro*, depois de cerca de sete anos de militância na crítica literária, formulou ele, com máxima clareza, o princípio de que o papel da crítica é o de servir de “farol seguro” para as musas, ou seja, é o de orientar, apontar rumos, prevenir equívocos por parte dos poetas e escritores em geral (ASSIS, 1938, p. 11-12). Quando noticiou, em crônica, a segunda edição de *A confederação dos tamoios*, no mesmo ano de 1865, ele não deixou de fazer a seguinte observação: “É uma edição revista, correta e aumentada. / Não sabemos até que ponto o poeta atendeu às críticas de que o seu poema foi objeto quando apareceu. Não tivemos tempo de cotejar a crítica com as duas edições” (ASSIS, 1955, p. 388). E quando escreveu sobre Fagundes Varela, em 1875, estava implícita a consequência do fato de o poeta já estar morto:

Se fizesse agora a análise dos escritos que nos deixou o poeta das *Vozes da América*, mostraria as belezas de que estão cheios, apontaria os senões que porventura lhe escaparam. Mas que adiantaria isto à compreensão pública? A crítica seria um intermediário supérfluo (ASSIS, 1938, p. 156-157) .

Em ambos os casos, o esperado efeito da crítica sobre o poeta encontra-se no horizonte da discussão. E sendo assim um aspecto relevante e persistente da teoria crítica de Machado de Assis, é de perguntar-se se, como poeta, ao ser criticado, teria assumido a mesma postura que esperava daqueles que criticava ou que eram criticados por outros. A grande oportunidade para a verificação dessa hipótese encontra-se no reexame dos seus três primeiros livros de poesia a que ele se viu obrigado por ocasião da preparação deles para a segunda edição, nas *Poesias completas*, dada a público em 1901.

Já se viu que houve manifestação crítica contra o prefácio do livro; e já se viu que o poeta o eliminou, dando-o por fruto da amizade que lhe tinha Caetano Filgueiras – fato de só interesse para ele, pois dizia respeito apenas a sua própria vida. Guarda relação com a exclusão do prefácio, que trazia por título “O poeta e o livro (Conversação preliminar)”, a supressão do “Posfácio”, que era uma carta ao prefaciador.

Assim como o prefácio, diversos poemas de *Crisálidas* eram facilmente relacionáveis a circunstâncias específicas da vida do poeta. O poema mais famoso do livro, “Versos a Corina”, sabe-se, e sabiam todos ao tempo em que o livro foi publicado, que foi escrito sob o impulso de uma paixão real, que o acometera naquele ano de 1864. Só o que não se sabe – todos, poeta e biógrafos, sempre foram muito discretos em relação a isso – é quem foi, na realidade, a mulher oculta sob o nome de Corina. Raimundo Magalhães Júnior arriscou-se a identificá-la, mas... aparentemente a descrença diante da revelação deixou as coisas na situação em que se encontravam antes (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 73-87 e p. 115-127). O próprio poeta, em carta a sua mulher Carolina, carta dos tempos do noivado, afirma a realidade do amor que sentiu – em nada parecido ao que sentia por ela, afirmou (Cf. ASSIS, 1959, v. III, p. 1044).

Conforme já ficou visto, a poesia deste livro, no que interessou aos críticos, fornecia, na falta de outras informações, elementos para o esclarecimento da personalidade e da trajetória do escritor. Foi contra esse caráter de “documento” que o poeta atuou na reelaboração do livro para sua segunda edição. Em conexão com isso, é interessante a observação de José Maria Belo, acerca das primeiras produções poéticas de Machado de Assis, especialmente aquelas que ele nunca incluiu em livro (essa parte

é observação nossa), de que elas tinham “simples interesse biográfico” (BELO, 1952, p. 107).³

Sob esse aspecto, um dado curioso, que já se pode declarar, antes mesmo de passar em exame as peças em questão, é o seguinte: todos os poemas que traziam dedicatórias a pessoas das relações do poeta foram eliminados da obra. Nem mesmo a tocante dedicatória do volume – “À / memória / de / Francisco José de Assis / e / Maria Leopoldina Machado de Assis / meus pais.” – apareceu nas *Poesias completas*.

A necessidade de distanciamento para a correta apreciação de uma obra de arte é condição de que Machado de Assis, tanto o crítico como o artista, sempre demonstrou ter plena ciência. Mais de uma vez, em suas crônicas, ele repetiu a máxima de que “de todas as cousas humanas a única que tem seu fim em si mesma é a arte” (ASSIS, 1955b, p. 206; ASSIS, 1955c, p. 452). Esse distanciamento implicou a emergência histórica, na Idade Moderna, da “autonomia da arte” – “percepção de uma especificidade e independência do fenômeno estético nunca antes experienciada”, resultado de seu “deslindamento da tutela de instâncias extra-estéticas”, nas palavras do professor Rodrigo Duarte (DUARTE, 1997, p. 7).

Tal “deslindamento” se relaciona a uma ideia antiga, expressa por Shakespeare, nestes versos de *A midsummer night's dream*:

...as imagination bodies forth
The forms of things unknown, the poet's pen
Turns them to shapes, and gives to airy nothing
A local habitation and a name.

(SHAKESPEARE, 1874, p. 88)⁴

O que faz o poeta é criar formas imaginárias, e conceber para elas, sobre o material plástico das palavras, objeto aéreo por excelência, um corpo físico – que lhes dá existência real: tornadas objetos sensíveis, essas formas ganham, suspensas no ar, um lugar de morada e um nome. Esforço idêntico realizou o poeta e tradutor Augusto de Campos, quando deu para as duas primeiras estrofes da *Divina comédia*, de Dante, a seguinte tradução:

³ A ênfase nas poesias dos primeiros anos, que Machado de Assis nunca incluiu em livro, é de nossa responsabilidade. José Maria Belo não faz distinção entre o que foi incluído em livro e o que não foi.

⁴ “...à medida que a imaginação dá corpo / a coisas desconhecidas, a pena do poeta / lhes dá formas e dá a esse nada aéreo / um lugar de morada e um nome.” (Tradução livre, nossa.)

No meio do caminho desta vida
me vi perdido numa selva escura,
solitário, sem sol e sem saída.

Ah, como *armar no ar uma figura*
dessa selva selvagem, dura, forte,
que, só de eu a pensar, me desfigura?

(CAMPOS, 2003, p. 193. Grifo nosso.)

Evidentemente, quanto menos amarras tiver o texto poético ao tempo e às circunstâncias biográficas de seu autor, maior será sua autonomia. Tais são os monumentos “mais duradouros que o bronze”, para nos valermos da expressão horaciana (HORÁCIO, 1906, p. 63). Esse modo de pensar não foi, nem poderia ter sido, estranho ao poeta, tão afeiçoado era ele às coisas clássicas.

Como não pôde o poeta Machado de Assis retirar de *Crisálidas* os “Versos a Corina”, que deram relativa celebridade ao livro, também não quis suprimir o excelente poema “Ludovina Moutinho”, que trazia o subtítulo de “elegia”. Os versos foram compostos por ocasião da morte, na Bahia, da jovem atriz Ludovina Moutinho, filha da também atriz Gabriela da Cunha. Na primeira publicação do poema, na segunda página do *Diário do Rio de Janeiro* de 17 de junho de 1861, a circunstância em que os versos foram escritos eram ainda mais explícitas: “Sobre a morte de Ludovina Moutinho” (ASSIS, 1861, p. 2). A jovem atriz morrera na Bahia, a 21 de maio de 1861, aos dezoito anos de idade (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 1, p. 125). O poema foi para as *Poesias completas*, com o subtítulo – “Elegia” – alçado à condição de título, o que afastava do horizonte de leitura os aspectos mais diretamente ligados às relações pessoais do poeta. O novo título conferia à composição não só generalização, mas ares de perenidade.

O poema “Horas vivas”, que também passou às *Poesias completas*, trazia na primeira edição, abaixo do título, a informação: “No álbum da Exma. Sra. D. C. F. de Seixas.” Tal informação, como aconteceu aos dados que fixavam “Elegia” em seu contexto, foi suprimida. Esse poema, é bom que se diga, apareceu também em crônica publicada a 1º de agosto de 1864, no *Diário do Rio de Janeiro*. O curioso é que, na crônica, o poeta atribuiu o poema a um outro (que, afinal, se revelou ser ele mesmo) e foi menos explícito do que no livro, no tocante à pessoa em cujo álbum escrevera o

poema – segundo ele, na crônica, os versos “de um poeta” foram “escritos no álbum de uma senhora de espírito”. É ainda curioso o fato de o poema ter permanecido nas *Poesias completas*, tão leve e desprezencioso ele parece ser. Uma possível explicação estaria em seu tema, o das horas noturnas, em que, longe do bulício da vida diurna, o poeta engendra suas criações. Esse foi um tema persistente na poesia de Machado de Assis, e ele aparece também, em prosa, na crônica em que divulgou o poema:

Antes de concluir [a crônica] devo dar uma explicação aos meus leitores habituais.

Apareço algumas vezes à segunda-feira, – hoje como na semana passada; mas isso não quer dizer que eu tenha mudado o meu dia próprio, que é o domingo.

A profissão do folhetim não é ser exato como um relógio; e ainda assim, todos sabem como, até na casa dos relojoeiros, os relógios divergem entre si.

Se é lícito ao relógio variar, não é ao folhetim que se deve pedir uma pontualidade de Monte Cristo.

Eu cismo meus folhetins sempre a horas mortas, e acontece que nem sempre posso fazê-lo a tempo de aparecer no domingo.

Fiquem avisados.

Disse – horas mortas – para seguir a linguagem comum; mas haverá acaso horas mais vivas que as da noite? (ASSIS, 1955, p. 75-76)

A mais perfeita das realizações poéticas desse tema talvez seja “A flor do embiroçu”, publicada em *Americanas*.

Até mesmo o discreto poema “Sinhá”, que em sua primeira publicação, nas páginas de *O Futuro*, em 1863, trazia apenas a epígrafe do *Cântico dos cânticos*, mas que trazia, em *Crisálidas* (1864), abaixo do título, a inscrição “(N’um álbum. – 1862.)”, teve essa informação suprimida nas *Poesias completas* (Cf. ASSIS, 1863, p. 495; ASSIS, 1864, p. 55; ASSIS, 1901, p. 26).

Tudo isso, até aqui, no tocante aos poemas que, para permanecerem nas *Poesias completas*, tiveram afrouxadas as suas amarras às circunstâncias histórico-biográficas de suas composições. Passemos aos poemas que foram excluídos de *Crisálidas*, na sua nova edição.

III

Isoladamente, talvez o poema mais criticado de *Crisálidas*, quando o livro apareceu, tenha sido “Monte Alverne”. Um crítico afirmou que, nele, “apartou-se o Sr.

Machado de Assis de sua natureza”, que “essa poesia não está na altura do assunto” (SILVA, 2003, p. 61); outro disse que “o canto foi diminuto para o assunto” (MAJOR, 2003, p. 63); e outro, ainda, assinalou-lhe a “pequenez do canto” (LEITÃO, 2003, p. 58). Esse poema, entretanto, apresenta diversas outras possíveis razões para sua exclusão.⁵ Entre essas razões está o fato de o poema ter sido dedicado “Ao padre-mestre A. J. da Silveira Sarmiento”, que foi, também, objeto da seguinte nota, ao final do volume:

MONTE ALVERNE

A dedicatória desta poesia ao padre-mestre Silveira Sarmiento é um justo tributo pago ao talento, e à amizade que sempre me votou este digno sacerdote. Pareceu-me que não podia fazer nada mais próprio do que falar-lhe de Monte Alverne, que ele admirava, como eu.

Não há nesta poesia só um tributo de amizade e de admiração: há igualmente a lembrança de um ano de minha vida. O padre-mestre, alguns anos mais velho do que eu, fazia-se nesse tempo um modesto preceptor e um agradável companheiro. Circunstâncias da vida nos separaram até hoje (ASSIS, 1864, p. 171).

Como se vê, eram fortes os laços que prendiam poeta e poema a Silveira Sarmiento, e havia até mesmo, contrariando a tendência que prevaleceu ao longo da carreira do escritor, certa intenção de revelá-los ao público.

Não poderia ser apenas a condição eclesiástica de Silveira Sarmiento a condição determinante da exclusão do poema, embora fosse verdadeira a ausência, no poeta maduro, da religiosidade que havia no jovem. O fato é que a figura do padre teve papel decisivo na admiração firme que Machado de Assis teve, ao longo de toda a vida, pelo célebre orador cego – e com isso a circunstância biográfica penetrava o âmago do poema, contaminando com restos da vida a pureza almejada da poesia.

O vínculo, portanto, da circunstância biográfica com o poema não era apenas um dado exterior aos versos, era mais do que isso; havia marca da vida impressa até mesmo na matéria poética – na “alma da poesia”, como diria o crítico Machado de Assis (ASSIS, 1938, p. 338-339).

⁵ Essas outras razões foram objeto de outro artigo, intitulado “Machado de Assis e Monte Alverne”, publicado na revista *Matraga*, em 2016.

IV

Outros poemas que traziam dedicatórias foram, também, excluídos do livro: “Aspiração”, dedicado a Faustino Xavier de Novais, “As rosas”, dedicado a Caetano Filgueiras, e “No limiar”, dedicado a M. Ferreira Guimarães.

“Aspiração” é um poema em versos alexandrinos – as estrofes são irregulares quanto ao número de versos, e nelas varia a disposição das rimas: a primeira tem oito versos; a segunda, oito; a terceira, dezenove; a quarta, nove; a quinta, dez, todas com rimas emparelhadas; a sexta, a sétima, a oitava e a nona têm seis versos, com esquema de rimas aabccb (ASSIS, 1864, p. 65-69). Nas duas estrofes com número ímpar de versos, a rima emparelhada se faz entre o último verso da estrofe antecedente e o primeiro da seguinte. Essa é a disposição dos versos na primeira edição (1864), sendo a que deve prevalecer.

Ao poema de Machado de Assis, publicado pela primeira vez no periódico *O Futuro*, em 1º de outubro de 1862, Faustino Xavier de Novais respondeu com outro, intitulado jocosamente “Embirração”, publicado no mesmo número do periódico. O poema-resposta foi, posteriormente, incluído por Machado de Assis em *Crisálidas*.

Jean-Michel Massa constatou que “Novais não compreendeu este dramático apelo [do poeta Machado de Assis]”, pois respondeu ao poema, tomando as mesmas rimas, com “uma poesia contra o alexandrino, sem escarnecer diretamente do autor, mas também sem responder a esta epístola poética” (MASSA, 1971, p. 355).

Em “Aspiração”, não faltam as rimas agudas, que Castilho dizia servirem principalmente a ideias “extravagantes, cômicas, brutescas ou satíricas” (CASTILHO, 1851, p. 24): “mim” rima com “assim”; “é”, com “fé”; “fatal”, com “ideal”; “vã”, com “irmã”; “véus”, com “Deus”; “luz”, com “conduz”; “solidão”, com “ilusão”; “porvir”, com “sentir”; “paz”, com “vivaz”; “pôs”, com “algoz”; “ideal”, com “fatal”; “amor”, com “flor”; “mar”, com “lutar”; “voz”, com “algoz”; “lar”, com “despertar”; “olhar”, com “desatar”; “ideal”, com “final”; “amor”, com “Senhor”. Como se vê, não são poucas. Entretanto, diga-se em favor do poeta, essas rimas funcionam razoavelmente bem no verso alexandrino, justamente, talvez, pelo defeito que Castilho lhes apontou – “seu modo seco e estalado da acabar” (CASTILHO, 1851, p. 23) –, talvez pela extensão do verso, e especialmente quando não são emparelhadas.

No plano das ideias, há que se reparar na confiança em Deus e numa outra vida, além desta terrena, crença que o poeta perdera no correr do tempo:

Longe de ti, ó Deus, e distante do amor!
Mas guardemos, poeta, a melhor esperança:
Sucederá a glória à salutar provança:
O que a terra não deu, dar-nos-á o Senhor!
(ASSIS, 1976, p. 189)

O poeta Novais, irmão de d. Carolina – chegada ao Rio de Janeiro em junho de 1868 (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 26) –, com quem Machado de Assis se casou em 12 de novembro de 1869, morreu em 16 de agosto deste mesmo ano (1869) – antes, portanto, do casamento (Cf. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, v. 2, p. 44-54). Se, por um lado, a inclusão do poema a ele dirigido e a do poema-resposta, intitulado “Embriração”, na primeira edição de *Crisálidas* nada deveu a d. Carolina, mas apenas à amizade de Machado de Assis para com o irmão dela, por outro, à época da edição das *Poesias completas*, o poema era de um cunhado seu.

Como se pode ver pelos versos seguintes, Novais fez tornarem-se irrisórias e voltarem-se contra o Machado seu confidente e ardoroso amigo as palavras amargas, tingidas de angústia metafísica, do próprio Machado:

O poeta busca sempre o almejado ideal...
Triste e funesto afã! tentativa fatal!
Nesta sede de luz, nesta fome de amor,
O poeta corre à estrela, à brisa, ao mar, à flor;
Quer ver-lhe a luz na luz da estrela peregrina,
Quer-lhe o cheiro aspirar na rosa da campina,
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar,
Ó inútil esforço! ó ímprobo lutar!
Em vez da luz, do aroma, ou do alento ou da voz,
Acha-se o nada, o torvo, o impassível algoz!
(ASSIS, 1976, p. 188-189)

Aspiras, vate, assim, da glória ao ideal?
Triste e funesto afã!... tentativa fatal!
Nesta sede de luz, nesta fome de amor,
O poeta corre à estrela, à brisa, ao mar, à flor;
Quer ver-lhe a luz na luz da estrela peregrina,
Quer-lhe o cheiro aspirar na rosa da campina,
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar, →

*Ó inútil esforço! Ó ímprobo lutar!
Em vez da luz, do aroma, ou do alento ou da voz,
O verso alexandrino, o impassível algoz!*
(NOVAIS, 1864, p. 73)

Evidentemente, a diatribe de Faustino Xavier de Novais contra o verso alexandrino, sua “Embirração”, foi também excluída do livro.

V

Outro poema com dedicatória, que foi eliminado de *Crisálidas*, envolve o prefaciador do livro, Caetano Filgueiras. Trata-se de “As rosas”, poema assim composto: duas quadras – com os três primeiros versos setissílabos e o quarto trissílabo, rimando ABBA, sendo a rima Aa aguda; uma estrofe central de catorze versos, composta por decassílabos brancos combinados com hexassílabos – o sexto, o oitavo e o décimo primeiro, também brancos; e uma estrofe final de oito versos, divisível em duas quadras, composta cada uma por três versos setissílabos seguidos por um trissílabo – o primeiro verso de cada uma das quadras é solto, o segundo rima com o terceiro, e os trissílabos rimam entre si [esquema de rimas ABBcDEEc].

Em nota aos últimos versos do poema –

.....Se a mão de um poeta
Vos cultiva agora, ó rosas,
Mais vivas, mais jubilosas,
Floresceis.
(ASSIS, 1976, p. 203)

– Machado de Assis apresentou a circunstância motivadora de sua composição da seguinte maneira: “O Dr. Caetano Filgueiras trabalha há tempos num livro de que são as rosas o título e o objeto. É um trabalho curioso de erudição e de fantasia; o assunto requer, na verdade, um poeta e um erudito. É a isso que aludem estes últimos versos” (ASSIS, 1864, p. 170-171). Tal livro, pelo que sabemos, jamais foi publicado. A palavra “rosas” aparece apenas no título da obra *Rosas e fantasias*, que, segundo Sacramento Blake, era um livro de contos e ficou inédito (Cf. BLAKE, 1970, v. 2, p. 3-5).

O prefácio, em que Caetano Filgueiras emitiu um juízo crítico excessivamente benevolente sobre o livro, também ele suprimido do livro, recebeu do próprio Machado de Assis, na Advertência às *Poesias completas*, a seguinte justificativa para sua

supressão: “Não deixo esse prefácio, porque a afeição do meu defunto amigo a tal extremo lhe cegara o juízo que não viria a ponto reproduzir aqui aquela saudação inicial. A recordação só teria valor para mim” (ASSIS, 1976, p. 125).

Lê-se aí, no testemunho do autor, seu desejo de que o livro se desprendesse das circunstâncias em que fora criado, para alçar-se à esfera da “grande poesia”, em que os sentimentos do poeta se estendessem “às dores da humanidade”.⁶

O texto do poema é claro e de muito fácil entendimento; os versos falam da pouca duração da flor e da vanidade de tudo a que ela se presta:

Em vão encheis de aroma o ar da tarde;
Em vão abris o seio úmido e fresco
Do sol nascente aos beijos amorosos;
Em vão ornais a fronte à meiga virgem;
Em vão, como penhor de puro afeto,
 Como um elo das almas,
Passais do seio amante ao seio amante;
 Lá bate a hora infausta
Em que é força morrer; as folhas lindas
Perdem o viço da manhã primeira,
 As graças e o perfume.
Rosas que sois então? – Restos perdidos,
Folhas mortas que o tempo esquece, e espalha
Brisa do inverno ou mão indiferente.
(ASSIS, 1976, p. 202)

No tocante a possíveis questões técnicas, que seriam objeto de reprovação pelo autor na maturidade, o poema não parece apresentar problemas. A combinação de versos setissílabos com decassílabos em um mesmo poema foi praticada pelo poeta em peças conservadas por ele nas *Poesias completas*. É bem verdade que, nos “Versos a Corina”, o descompasso da paixão parece justificar toda a variedade de humores e medidas da expressão, e que, em “Última folha”, os versos decassílabos são aqueles em que o poeta se dirige à Musa, ao passo que os setissílabos se reservam a um trecho em que o poeta fala a si mesmo. Em “As rosas”, diferentemente dos dois poemas conservados nas *Poesias completas*, não parece haver funcionalidade alguma na combinação dos metros.

⁶ As expressões entre aspas foram tomadas a Manuel Bandeira, no ensaio “Um poema de Castro Alves”, em que aborda o salto do particular ao universal, forçoso e necessário a toda verdadeira poesia.

O poema tem, num dos versos da estrofe decassilábica, duas sílabas tônicas justapostas – “Em vão abris o **seio úmido** e fresco” –, o que obriga à diástole em “úmido”. O primeiro verso da oitava setissilábica final – “Tal é o vosso destino” – é frouxo, exige hiato onde a prosódia normal produziria um ditongo – “Tal **é o** vosso destino”. Tais senões, entretanto, são de pequena monta: ocorrem em toda a obra do poeta, são procedimentos comuns, legitimados pela tradição poética da língua portuguesa.

Apesar dessas possíveis dificuldades, não é certo que elas tenham sido determinantes para a exclusão do poema do livro; o mais provável é que a vinculação a Caetano Filgueiras tenha pesado mais. Afinal, o que dá perenidade às rosas, segundo os versos do poema, é o fato de serem cantadas pelo amigo do poeta – o que traz, para o âmago do poema, a obra em elaboração pelo prefaciador.

VI

Um derradeiro poema, que teria ainda outra explicação para sua exclusão de *Crisálidas*, trazia dedicatória a M. Ferreira Guimarães.

Trata-se de “Os dous horizontes”, elogiado por M. A. Major, que se referiu a ele como “as cinco oitavas tão lindas e amenas dessa cadeia que prende o futuro ao passado por meio do presente” (MAJOR, 2003, p. 63). O poema é composto por cinco oitavas, em versos heptassílabos, em que rimam entre si apenas os versos pares da primeira metade (quadra) até a penúltima oitava – na última os versos ímpares também rimam –, e, na segunda metade de cada estrofe, do início ao fim do poema, o primeiro verso da quadra rima com o último, e os dois intermediários rimam entre si (esquema abba). Esse conjunto é emoldurado por um verso decassílabo – “Dous horizontes fecham nossa vida” –, que antecede as oitavas e é repetido depois da última. Teria o poeta sonhado com um esquema mais regular nas oitavas do que aquele que de fato obteve?

Esse poema foi estudado por Wilton Cardoso, em 1956, quase um século depois de sua composição, em 1863, e sua publicação, em 1864 (Cf. CARDOSO, 1958, p. 17-52). Segundo o crítico, a supressão do poema, quando da edição das *Poesias completas*, deveu-se não propriamente à qualidade poética do texto, “se se leva em conta que, em confronto com a qualidade de outras produções não relegadas, não parece certo admitir que ao ato tenham presidido rigores de pura crítica estética” (CARDOSO, 1958, p. 21).

Após análise, com cerrada argumentação de cunho filosófico, Wilton Cardoso concluiu:

...o poema, que negava o presente, situando a vida humana entre os extremos da saudade e da aspiração – o polo do passado e o polo do futuro – acaba por mostrar que passado e futuro só existem em relação ao presente, o mesmo presente que não tem realidade.

Incidentemente, cabe notar que a lição dos filósofos que compreendem o tempo não como realidade perceptível, vinda de fora, ou exterior, com ação sobre o nosso espírito – um objeto propriamente dito –, mas como aquilo que se acha em nós, que constitui o desenvolvimento próprio e incessante da consciência – forma interior de toda nossa representação – concorda substancialmente com a experiência lírica do poeta (CARDOSO, 1958, p. 43).

Se se toma isto em consideração – o caráter filosófico do poema – e a isso se junta o argumento de Machado de Assis, de que “as restantes [poesias que deixou nas *Poesias completas*] bastam para notar a diferença de idade e de composição” (ASSIS, 1976, p. 125), é inevitável a conclusão de que o poeta, ao suprimir o poema de *Crisálidas*, pretendeu dar uma ideia de sua trajetória espiritual, reservando para o final da história as poesias de cunho mais cerradamente filosófico. Seu livro mais “filosófico” é o último, *Ocidentais*, que só veio à luz nas *Poesias completas*; cumpria ao poeta, para dar verossimilhança ao conjunto, que o mais filosófico de seus poemas do primeiro livro fosse de lá suprimido.

Acrescente-se a tudo isso o fato de o poema ser dedicado a M. Ferreira Guimarães, autor teatral com o qual Machado de Assis colaborou em sua [de Ferreira Guimarães] peça de estreia, intitulada *Cenas da vida do Rio de Janeiro* (Cf. MACHADO, 2008, p. 74, p. 115 e p. 154). Como já se viu, o poeta retirou de *Crisálidas* todas as informações que vinculavam a obra diretamente a seu contexto e seu tempo – aparentemente com a intenção de conferir perenidade a uma obra a que deu mais consistência, ao recompô-la quando de sua segunda edição.

LIAISONS WITH LIFE IN MACHADO DE ASSIS'S POETRY

Abstract: Machado de Assis, when preparing the publication of his *Poesias completas* (Complete Poetry) in 1901, eliminated about 60% of the poems of his first poetry book, *Crisálidas*, published in 1864. This paper examines, among the poems Machado excluded from this first poetry book, those which had close relations with the author's context and biography. All poems that brought dedications were excluded from the book; the dedication of the whole volume to the poet's parents' memory has been deleted; and poems that had strong links with the context, when kept in the book, have had erased the signs of these links. A tentative explanation is presented for these exclusions and for deletion of the work links with the context of their production.

Keywords: Poetry; Brazilian Poetry; Machado de Assis.

Referências

ALIGHIERI, Dante. Da linguagem vulgar. Trad. Padre Vicente Pedroso. In: *Obras completas*. São Paulo: Editora das Américas, s.d. p. 51-118.

ASSIS, Machado de Assis. Sobre a morte de Ludovina Moutinho. Rio de Janeiro, *Diário do Rio de Janeiro*, 17 jun. 1861, p. 2.

ASSIS, Machado de. Sinhá. Rio de Janeiro, *O Futuro*, n. XV, p. 495, 15 abr. 1863

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

ASSIS, Machado de. *Crônicas 2º volume (1864-1867)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955.

ASSIS, Machado de. *A semana 1º volume (1892-1893)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955a.

ASSIS, Machado de. *A semana 2º volume (1894-1895)*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955b.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Ed. preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Ed. Oséias Silas Ferraz. Belo Horizonte: Crisálida, 2000.

BELO, José Maria. *Retrato de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: A Noite, 1952.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7v.

CAMPOS, Augusto de. *Invenção: de Arnaut e Raimbaut a Dante e Cavalcanti*. São Paulo: Arx, 2003.

CARDOSO, Wilton. *Tempo e memória em Machado de Assis*. Belo Horizonte: [editora?], 1958.

CASTILHO, A. F. de. *Tratado de metrificacão portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1851.

CHOCIAY, Rogério. Machado de Assis e os alexandrinos “errados”. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 29, p. 37-45, 1989.

DUARTE, Rodrigo. Apresentação. In: *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Org. e sel. dos textos por Rodrigo Duarte. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 7-8.

FERRAZ, Oséias Silas. Nota do editor. In: ASSIS, 2000, p. 7-9.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

HORÁCIO. *Œuvres d'Horace*. Paris: Hachette, 1906.

HOUAISS, Antônio. O texto dos poemas. In: DIAS, A. Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. p. 79-91.

HOUAISS, Antônio. Machado de Assis e seus versos. In: *Estudos vários sobre palavras, livros, autores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 201-204.

LEITÃO, F. T. *Crisálidas*. In: MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro de consagração* (crítica em vida do autor). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 55-59.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL, 2008.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Vida e obra sde Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.

MAJOR, M. A. *Crisálidas* (Machado de Assis). In: MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro de consagração* (crítica em vida do autor). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 61-65.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

NOVAIS, F. X. de. Embirração. In: ASSIS, 1976, p. 71-74.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Estudo crítico e biográfico). 6. ed. revista. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

RÓNAI, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SHAKESPEARE, William. *A midsummer-night's dream*. New York: D. Appleton, 1874.

SILVA, Luís José Pereira da. Crônica. In: MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro de consagração* (crítica em vida do autor). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003. p. 60-61.